



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A REALIDADE DAS ESCOLAS DE FRONTEIRA: ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Jociane de Oliveira Gonçalves
Dania Andreza Duarte de Souza
DriellySinara de Castro Porta
Luciene Clea da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
jocianemunesg@gmail.com
dania_duarte_21@hotmail.com
driellydecastro@gmail.com
luciene.silva@ufms.br

Resumo: Este artigo pretende discorrer sobre a pesquisa que buscou compreender a realidade das escolas de fronteira, sob a ótica da organização curricular; e entender as concepções de currículo que norteiam algumas práticas pedagógicas dos professores de escolas municipais de Ponta Porã (Brasil), cidade gêmea de Pedro Juan Caballero (Paraguai), levando em consideração a diversidade existente nos espaços escolares, a fim de explorar um pouco mais este rico contexto de vivências, saberes, culturas e de conflitos, o que faz com que o povo fronteiriço crie e recrie constantemente a sua história de vida e de aprendizagens.

Palavras-chaves: Escolas de Fronteira, Currículo, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O município Ponta Porã foi originado com a formação de um povoado chamado Punta Porã, entre campos de erva-mate que então consolidaram esse nome, que em guarani significa Ponta Bonita. Antes da Guerra do Paraguai, Ponta Porã era uma região despovoada do interior do Paraguai, com apenas algumas tribos indígenas descendentes do povo Guarani, os Nhandevas e os Caiuás. A região foi também muito frequentada por carreteiros, que faziam a rota da Erva-Mate.

Em 1777 chegou a esta região uma expedição militar com o intuito de explorar o solo, porém somente em 1862, juntamente com seu grupo o Tenente Antônio João Ribeiro, se instalou na cabeceira do Rio Dourados, (atualmente a cidade de Antônio João); o tenente em seu ato de coragem se destacou nos confrontos. Ali também se originou a Colônia Militar de Dourados, que foi destruída durante a guerra, quando então sucedeu a morte do tenente. Um tempo depois políticos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

oriundos do Rio Grande do Sul, vindos da Argentina e Uruguai, refugiaram-se no território Mato-grossense, onde hoje é município.

Após o fim da Guerra do Paraguai, em 1870, houve uma demanda nos limites de território Brasil/Paraguai e, logo em 1880 com a chegada do comandante Nazareth foi levantado um acampamento próximo à lagoa, onde se origina a cidade de Pedro Juan Caballero. Situada à 467 quilômetros da capital Assunção.

A economia do município foi baseada inicialmente na erva-mate, com a total expansão da região em 1882 quando Tomaz Laranjeira foi beneficiado com o direito de colher erva-mate na zona fronteira com o Paraguai. Em meados do século XX a cidade teve uma ascensão econômica, desta vez impulsionada por produtos importados originários da China e de outros países, fato que ainda hoje assegura à cidade receber muitos turistas em busca dos produtos do comércio local e dos pontos turísticos que demarcam a fronteira entre Brasil e Paraguai.

Apenas em 1900 Ponta Porã tornou-se distrito de Bela Vista e, logo em seguida, em 1912 torna-se oficialmente um município; em 1915 o governo de Mato Grosso nomeia Ponta Porã como comarca. Em 1943 o então Presidente Getúlio Vargas cria Território Federal de Ponta Porã, entretanto esse território só dura por 3 anos, sendo destituído em 1946 e reincorporado ao estado de Mato Grosso.

Com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o governo dissolve territórios de fronteira pelo nosso país, entre eles Ponta Porã. Então foi decretado que Ponta Porã fosse a capital, e, mais tarde essa capital se mudou para Maracaju. Em 1977 é formado o estado de Mato Grosso do Sul, do qual Ponta Porã faz parte como município desde então. Sendo uma cidade de fronteira seca, Ponta Porã se encontra entre um dos 44 municípios fronteiriços dos 79 do estado. Caracteriza-se ainda como cidade gêmea de Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Dados atualizados do IBGE comprovam a população das duas cidades, sendo 77.872 habitantes (2014) em Ponta Porã e 75.109 (2008) habitantes em Pedro Juan Caballero, fazendo então um tráfego entre os dois países de aproximadamente 150.000 habitantes, configurando assim o ir e vir nas cidades gêmeas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Conforme Pereira, cidades gêmeas podem ser consideradas:

[...] cidades geminadas em área seca, a separação ocorre unicamente por uma “zona neutra”, que é a referida faixa pertencente aos Estados em contacto e não pode ser tocada. Nas cidades geminadas do Mato Grosso do Sul é comum não haver nenhum posto de alfândega, ou seja, de fiscalização e policiamento, ocorrendo uma livre circulação de pessoas de um lado para o outro, bastando atravessar uma rua, avenida ou rio (2009, p.53).



Fonte: <http://www.turismo.bonito.ms.gov.br/roteiros/ponta-pora>

Essa imagem mostra claramente a fronteira à qual nos referimos. Quando nos deparamos com duas bandeiras de nacionalidades diferentes, uma de cada lado da avenida, sem qualquer obstáculo ou barreira, ou até mesmo a presença de alguma alfândega para fiscalizar o acesso de um país ao outro, deparamo-nos com a fronteira seca entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY). Torchi e Silva destacam que:

Como podemos perceber não há como pensar na fronteira apenas como uma linha ou faixa demarcatória que indica onde um país com sua língua, cultura e tradições termina e outro começa. Fronteira é muito mais que isso é o entrelaçar de línguas e culturas, mesclando o que está posto, transformando em mestiço algo que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“aparentemente” era puro ao mesmo tempo em que preserva os traços de cada língua e da cultura (2014, p.36).

Já Pereira define a fronteira entre Brasil e Paraguai como:

[...] uma fronteira artificial em toda sua extensão, pois não é acompanhada por rios, nem por montanhas. A proximidade geográfica das duas cidades faz com que a população compartilhe não somente o território, mas conseqüentemente, toda construção cultural dos fronteiriços [...] (2003.p 02).

Dialogando com o pensamento das autoras e com a realidade apresentada, evidencia-se que é livre o tráfego de pessoas pelos dois países, o que constantemente integra a cultura dos dois povos com nacionalidades diferentes. Desta forma, estando na fronteira, as famílias falam livremente as três línguas mais comuns da região, sendo o Português, Espanhol e Guarani. Destacamos as mais comuns, pois é muito marcante também a presença de muitos outros idiomas, tal como o chinês, árabe, alemão, dentre outros; característica dos povos que integram e dividem o espaço da fronteira.

Os filhos dessa fronteira, de várias pátrias, mas de um único povo e o misturar-se destas culturas faz com que seja notável a migração de alunos residentes no Paraguai vindos para o Brasil estudar. Já que a educação não lhes é negada, pois possuem documentos brasileiros, o que assegura perante a legislação, o acesso à escola. Ao chegarem aqui se deparam com o choque de culturas e a mistura de línguas, uma vez que esses alunos vêm para a escola dominando o Espanhol ou até mesmo o Guarani e encontram então diferenças na aprendizagem quando se deparam apenas com o Português sendo utilizado em todas as aulas.

Neste contexto, as escolas da fronteira e, em especial as escolas desta fronteira seca entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero precisam atender a esta grande diversidade de culturas, saberes, experiências, histórias de vida, línguas, conflitos, convergências e divergências. O que se torna um desafio constante para o espaço educativo, pois este “atender” precisa estar muito bem consolidado nas práticas educativas, na organização curricular, nas possibilidades físicas e estruturais para receber estes educandos, para que se configure no que Fleuri (2001, p.141) citando Nanni apresenta como educação intercultural.

[...] a educação intercultural pode ser definida operacionalmente, como um processo multidimensional, de interação entre sujeitos de identidades culturais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diferentes. Estes, através do encontro intercultural, vivem uma experiência profunda e complexa de conflitos/acolhimento. É uma oportunidade de crescimento da cultura pessoal de cada um, na perspectiva de mudar estruturas e relações que impedem a construção de uma nova convivência civil. A educação intercultural promove inclusive a mudança do sistema escolar: defende a igualdade de oportunidades educacionais para todos, requer a formação dos educadores, estimula a reelaboração dos livros didáticos, assim como a adoção de técnicas e de instrumentos multimedias (NANNI, 1998, p. 50).

Temos plena consciência de que esta educação intercultural ainda está longe de acontecer por completo nos cenários educativos das escolas brasileiras, mas sabemos que muitas ações pedagógicas, práticas docentes e encaminhamentos metodológicos buscam alcançar pelo menos parte desta proposta de educação que vislumbre a complexidade da interculturalidade como caminhos ímpares para o crescimento intelectual, moral, cultural, profissional, dentre outros, e, conseqüentemente, para a construção do conhecimento. Sendo assim, empenhamo-nos em tentar entender como as escolas da fronteira instituem suas práticas pedagógicas e sua organização curricular para atender a esta rica e profusa realidade.

Desta forma, tomamos como referência os princípios de que o currículo que buscamos compreender caracteriza-se como o envolvimento de todas as vivências escolares, ou seja, tudo o que é realizado dentro da escola para que haja experiências validadas dentro e fora deste espaço. Por isso dialogamos com a definição apresentada por Veiga:

Currículo é concebido, de uma perspectiva mais abrangente, como o conjunto de atividades da escola que afetam, direta e indiretamente, o processo de transmissão-assimilação e produção do conhecimento. Nessa perspectiva, é possível afirmar que o currículo é um instrumento de confronto de saberes: o saber sistematizado, indispensável à compreensão crítica da realidade, e o saber de classe, que o aluno representa e que é o educativo (1991, p.82).

Por comungarmos com esta ampla perspectiva de currículo e por estarmos imersas no vasto e rico contexto da fronteira, permeado pelos saberes sistematizados, não sistematizados, por culturas, vivências e muitas possibilidades de trocas, conflitos e posicionamentos críticos acerca da realidade que compreendemos que a “transmissão-assimilação e produção do conhecimento” destacada pela referida autora, configura-se com (e a partir das) as possibilidades de aceitação das



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

trocas entre tais saberes e realidades, enaltecendo o intuito de valorizar as especificidades de cada um deles.

Sendo assim, justificamos tal pesquisa que objetiva compreender a realidade das escolas de fronteira, sob a ótica da organização curricular; e entender as concepções de currículo que norteiam algumas práticas pedagógicas dos professores de escolas municipais de Ponta Porã, levando em consideração a diversidade existente nos espaços escolares. E é a partir daí que esta pesquisa inicial toma corpo e busca explorar um pouco mais este rico espaço de vivências, saberes, culturas e de conflitos, o que faz com que este povo fronteiriço crie e recrie constantemente a sua história de vida e de aprendizagens.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada surgiu das inquietações desencadeadas nos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Fronteiriça (GEPEF), promovidos na UFMS /Câmpus de Ponta Porã, por meio de algumas discussões realizadas em sala, durante as aulas do 1º semestre do curso de Pedagogia e a partir do contato com a realidade de algumas escolas municipais da região da fronteira entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY).

Pode-se destacar o caráter qualitativo da pesquisa realizada, pois mesmo tecendo conceitos iniciais acerca do contexto pesquisado, apresenta-se uma preocupação com os sujeitos entrevistados, bem como com suas particularidades, posturas e saberes, pois se busca interpretar os dados coletados numa perspectiva ampla de observação, diálogo e registro de tudo que faz parte do meio pesquisado, dialogando assim com Triviños, quando este destaca que na abordagem qualitativa a “ênfase é dada ao conteúdo da percepção, ao processo e não ao resultado ou produto, sendo a preocupação essencial nesta abordagem à identificação dos significados [...]” (1990, p. 128).

Desta forma, optamos como *locus* inicial de nossa pesquisa duas escolas municipais de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul. Uma destas escolas está localizada bem próxima à linha de fronteira (chamaremos de escola 1), ou seja, próxima ao limite entre as cidades gêmeas de Ponta



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY). Já a outra escola (será denominada como escola 2) se localiza em um bairro um pouco mais distante da linha de fronteira. Tal escolha se deu pela intenção de entendermos como estes espaços se organizam diante da realidade da qual fazem parte.

Como sujeitos integrantes da pesquisa, estabelecemos um diálogo com professores e coordenadores destas instituições. Sendo estes escolhidos aleatoriamente no contexto escolar, ou mais especificamente, configurando-se como aqueles que aceitaram participar da entrevista e conversa propostas. Para manter o rigor ético da pesquisa, os mesmos serão assim identificados: Entrevistado 1- correspondente à escola 1 e entrevistado 2 e 3 pertencentes à escola 2.

Os relatos e entrevistas apresentados encontram-se transcritos tal como foram coletados e dão suporte para fazermos algumas articulações com teóricos que discutem a temática pesquisada, encaminhando um aprofundamento das reflexões que seguem e instigando-nos a continuar tal pesquisa para compreendermos sempre mais sobre este rico universo da escola da fronteira, cenário do qual fazemos parte e consideramo-nos responsáveis por divulgar a outras instâncias e sujeitos que ainda não o conhecem.

O CONTATO COM A REALIDADE, A CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

As concepções de currículo apresentadas em primeiro plano nas entrevistas vêm de inquietações primárias ao revisarmos literaturas correspondentes ao assunto mencionado nas entrevistas. Portanto, os entrevistados descrevem como eles vivenciam essa realidade.

O entrevistado 2 (escola 2), conceitua currículo como “Currículo seria todo o conteúdo, todas as habilidades que são trabalhadas com a criança em sala de aula”; já o entrevistado 3 (escola 2), conceitua como “Na atualidade falho com muitas lacunas que dificultam a real aprendizagem”. As duas entrevistas foram realizadas na mesma escola, o que nos mostra que a realidade que cada um vive no mesmo ambiente é oposta, talvez devido à diferença de cargos que ocupam, sendo respectivamente coordenador e professor, ou até mesmo pela vivência que cada um obteve para conceituar currículo da maneira com que conceituaram.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O entrevistado 3(escola 2), continua sua fala destacando que “[...] o currículo é imposto pelos órgãos governamentais, e quando chegam nas escolas para aplicação prática, passa por diversas “particularidades” positivas e negativas , pois não abrangem as mais diversas realidades educacionais”. Isso mostra a realidade escolar que abrange os dois entrevistados e que inquieta o entrevistado 3, principalmente pelo fato de este demonstrar uma consciência (mesmo que subjetiva) das possibilidades de adequação do currículo às especificidades do meio, e neste caso, às ricas e complexas realidades da fronteira, ação que ainda não acontece por completo, tal como ele caracteriza na expressão “falho, com muitas lacunas”. Entretanto, mesmo que de forma implícita este ponto evidencia-se como substancial para possíveis mudanças nas práticas pedagógicas e na real aprendizagem dos alunos, pontos também preocupantes destacados pelos entrevistados.

O pensar sobre o currículo e a estruturação/reestruturação do mesmo podem permitir a realização de práticas pedagógicas coerentes com a realidade de cada escola, possibilitando uma melhor adequação entre disciplinas, conhecimentos e experiências que possam surgir dentro ou fora de tais instituições. Para se apresentar em sua complexidade, o currículo deve levar em consideração a ocupação de todos, tais como educador, educandos, métodos de ensino, a realidade da comunidade que vive este currículo, pois aceitar esta diversidade e compartilhar vivências amplia a construção do conhecimento.

Outro fator a ser visto com bastante prudência é a relação aluno-professor, a relação de domínio e execução, esta não deverá existir, pois o aluno traz suas vivências, tradições para dentro da sala de aula, podendo assim, também assumir um protagonismo diante de suas ações e da própria construção do conhecimento.

Quem ensina, aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender [...] Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (FREIRE, 1996, p. 23-24).

O diálogo entre professor-aluno, surge de uma forma consequentemente trabalhada pelo entrelaçamento de vivências entre ambos os lados, portanto todo o trabalho a ser executado na região fronteira pode ser obtido como acesso para essa heterogeneidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Desta forma, destacamos Contreras (1995), quando este afirma que:

O conhecimento converte-se tanto em algo que se aprende como em algo com o que se aprende; mas também em algo que discute nossa experiência e algo que se discute a partir de nossa experiência; modos de compreensão que podem ser usados para problematizar as representações da realidade e para experimentar com nosso próprio pensamento [...](CONTRERAS, 1995, p. 37).

Cabe ao professor apurar práticas pedagógicas para serem realizadas de forma dialógica no campo da busca pelo conhecimento e da motivação para que o mesmo ocorra, partindo principalmente dos conhecimentos prévios dos seus alunos e de toda a bagagem cultural que também trazem para a escola, sendo assim, podem buscar e construir juntos um espaço mais democrático e acolhedor de diversos saberes.

Essas práticas pedagógicas também foram definidas pelo entrevistado 2 da seguinte forma:

[...] quanto mais você transformar os conteúdos em aprendizagens lúdicas envolvendo brincadeiras, mais significativa vai ficar para o aluno. Para aprendizagem acontecer o aluno tem que estar motivado, se o aluno está motivado qualquer coisa que você venha trabalhar com ele, vai ser de fácil entendimento pra ele, então se você tem uma turma toda motivada é muito simples e fácil de conseguir a aprendizagem.

O diálogo é imprescindível nessa relação professor-aluno, pois é um momento de aprendizado que deve ser de respeito e firmeza. O professor deve encaminhar o aluno ao crescimento intelectual e não somente apenas ficar submisso ao conteúdo praticado em sala de aula, almejando cumprir com sua responsabilidade de sistematizar um saber científico, mas também articulá-lo aos demais saberes provenientes dos sujeitos que permeiam este espaço educativo. Portanto, essa relação pode apresentar conflitos, pois se fundamentam em circunstâncias de vivências, tradições e classes sociais diferenciadas.

[...] a dinâmica ensino-aprendizagem deve caracterizar-se por situações que estimulem a atividade e a iniciativa dos alunos e do professor; situações que favoreçam o diálogo dos alunos entre si e com o professor, ao mesmo tempo em que valorizem o diálogo com o saber acumulado historicamente; situações que considerem os interesses dos alunos na apropriação dos conhecimentos, sistematizados e ordenados gradualmente de acordo com a organização escolar (LOPES, 1996, p. 110).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Todos os entrevistados afirmam que em suas salas deparam-se com a diversidade, estando esta no âmbito da cultura, dos saberes, das experiências e do próprio tempo de aprendizagem. Destacam então que a proposta educativa nessa região precisa ser diferenciada, buscando compreender e respeitar as diferenças linguísticas e culturais que se apresentam nas escolas da fronteira. Nesse contexto é essencial que haja uma interação e uma aceitação de ambas as partes, tanto do aluno como do professor, como foi afirmado pela entrevistada 1(escola 1): “Eu acho que em primeiro lugar tem que ter respeito né professor-aluno, tem que ter uma cumplicidade, uma confiança e se há essa cumplicidade, esse respeito entre professor e aluno eu acho que o processo acontece naturalmente”.

O entrevistado 2, considera a adaptação das aulas de espanhol fundamental para o auxílio da aprendizagem, trazendo o idioma que mais condiz com a realidade na qual ele se encontra, mesmo que ainda o sistema de ensino precise de melhorias, como exposto a seguir :

Antes não era pensada, hoje vem sendo trabalhada, mas assim, muito pouco naquilo que a ainda deveria ser trabalhada, por exemplo aqui antigamente as aulas, tanto na rede municipal quanto estadual era só trabalhada inglês, hoje foi implantado o espanhol exatamente pelo país vizinho, mas ainda falta muito pra gente chegar no ao nível desejado.

A fala do entrevistado 2 deixa evidente a possível e necessária adaptação do currículo e das práticas pedagógicas realizadas de forma geral, mas em especial adaptadas ao contexto da fronteira, pois só valorizando o meio no qual a escola está inserida, bem como a cultura e os saberes dos sujeitos que fazem parte desta escola é que toda a construção do conhecimento se tornará de fato significativa e ultrapassará os limites estabelecidos para os espaços que denominamos escola, fronteira, sociedade, mundo.

Porém a entrevistada 3 deixa explícita a necessidade de melhorias e o apelo por uma atenção pública para essa realidade, conforme afirmado: “Necessita melhorias “urgentes”, pois se faz necessário a ampliação desde o governo até a prática em sala de aula de métodos eficientes para englobar o ensino concreto e eficaz”. Destacando assim a necessidade de mudanças para uma educação que atenda às especificidades da fronteira, e frisando que as práticas pedagógicas necessitam de diferenciação, pois se consolidam a partir de vários idiomas, culturas que se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

entrelaçam, sujeitos que se constituem no respeito à identidade e alteridade de vários povos, mas que ainda precisam de políticas públicas que lhes assegurem de fato todas estas adaptações e atenções diferenciadas, assim como expressa a entrevistada 3. Todo este contexto nos inquieta ainda mais e encaminha novos rumos para outras discussões, diferentes posicionamentos e a edificação de caminhos que levem à busca por um ensino de qualidade e que seja realmente equitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada se baseou nas inquietações causadas pelo contato que tais pesquisadoras tiveram ao se depararem com o vasto e rico contexto da fronteira, o que foi motivo desencadeador para se conhecer de forma mais profunda o contexto histórico que subsidia a formação das cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, bem como alguns aspectos do seu contexto cultural e educacional.

Pode-se ressaltar que desenvolver essa pesquisa, mesmo que de forma ainda inicial, já promoveu grandes reflexões nos sujeitos entrevistados, bem como nos entrevistadores, pois cursar Pedagogia dialogando com os contextos reais de muitas das discussões travadas em sala, bem como participar do grupo de estudos e pesquisas serviu de fomento para a busca pela compreensão da realidade educativa, cultural e social da qual passamos a fazer parte e possibilitou que neste contato com o *locus* escolhido para a pesquisa os sujeitos que aceitaram participar do processo passassem também a refletir sobre a consolidação do currículo que permeia sua realidade educativa, bem como das suas práticas, chegando assim à reflexão de quão necessárias e possíveis são as transformações para se alcançar uma educação que faça a diferença no cotidiano das escolas de fronteira, razão que nos motiva a continuar pesquisando e tentando desvendar estes amplos, complexos e instigantes caminhos que nos levam à fronteira entre Brasil e Paraguai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTRERAS, José. **La construcción de una cultura democrática en la escuela**: El papel mediador del docente. *Kirikiki*, Sevilha, n. 37, p. 35-42, jun./ago, 1995.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura**: estudos emergentes. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2014. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acessado em: julho de 2015.

LOPES, Antonia Osima. Relação de interdependência entre ensino e aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. **Didática: o ensino e suas relações.** Campinas, SP: Papirus, 1996.

PEREIRA, J. H. V. **Identidades étnico-culturais e seus significados no currículo de escolas de fronteira.** In: VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE EPECO, 2003, Campo Grande. VI EPECO - CD-ROM. Campo Grande : Editora UCDB -Editora UFMS, 2003. p. 01-10.

_____. **A especificidade de formação de professores em Mato Grosso do Sul: limites e desafios no contexto da fronteira internacional.** InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.15, n.29, p.106-119, jan./jun. 2009.

TORCHI, Gicelma da Fonseca Chacarosqui; SILVA, Crislaine Patrícia da. **E Expansão do Programa Escolas Interculturais de Fronteira no Estado de Mato Grosso do Sul.** Revista GeoPantanal: UFMS/AGB. Corumbá.N. 17. P.33-46. Jul./dez.2014.

TRIVIÑOS, A. **Coleta de dados na pesquisa qualitativa.** In: Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990. p. 125-130.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CARDOSO, Maria Helena Fernandes (orgs.) **Escola fundamental: currículo e ensino.** Campinas, SP: Papirus. 1991.